

**CLÁSSICOS LITERÁRIOS INGLESES ADAPTADOS
PARA JOVENS LEITORES NO BRASIL: LEITURA CRÍTICA E
ASPECTOS DA RECEPÇÃO INFANTIL E JUVENIL**

Priscila Prado dos Santos Ferraz (UVA)

prii_prado26@hotmail.com

Silvana Moreli Vicente Dias (UVA)

silvana.dias@uva.br

Vitória Elizabete Gonçalo da Silva (UVA)

vitoriaelizabetegds@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é desenvolver uma leitura crítica de adaptações de clássicos da literatura inglesa, indicando conexões literárias e pedagógicas no espaço de escolarização. O trabalho pretende indagar, além de aspectos propriamente textuais da literatura adaptada, sobre especificidades ligadas à formação do jovem, do leitor em diálogo ativo como o cânone literário ocidental, inclusive considerando as forças culturais e políticas que dão lastro e sustentação às adaptações como gênero discursivo. O corpus inicial desta fase da pesquisa foi formado por adaptações, em língua portuguesa e inglesa, publicadas no Brasil, das seguintes obras: “Viagens de Gulliver” [*Gulliver’s Travels*, 1735], de Jonathan Swift [1667-1745], e “Orgulho e preconceito” [“*Pride and prejudice*”, 1813], de Jane Austen [1775-1817]. Por fim, os dados dessa pesquisa, de natureza interdisciplinar, pretendem subsidiar estudos que interessam a diferentes áreas acadêmicas, oferecendo respaldo para projetos futuros no âmbito educacional.

Palavras-chave:

Letramento literário. Literatura infantojuvenil. Pedagogia da adaptação.

ABSTRACT

The objective of this article is a critical reading about adaptations of English literature classics, indicating literatures and pedagogical connections in the schooling space. The work intends to inquire, in addition to properly textual aspects of adapted literature, the cultural and political forces consideration that give ballast and support to adaptations as a discursive gender. The initial corpus of the research was formed by adaptations, in Portuguese and English published in Brazil, of the following works: “*Gulliver’s Travels*”, 1735, by Jonathan Swift [1667-1745], and “*Pride and prejudice*”, 1813 by Jane Austen [1775-1817]. Finally, the information of this interdisciplinary nature research, intend to support studies that interest different academic areas, offering support for future projects in the educational field.

Keywords:

Literary literacy. Pedagogy of adaptation. Children’s and youth Literature.

1. Introdução

Existe uma série de discussões em torno das adaptações literárias que precisam ser consideradas em uma pesquisa empenhada, que se compromete com diferentes aspectos, como a apresentação textual nas narrativas, sua inserção histórica e aspectos interculturais envolvidos no processo de recepção entre diferentes sistemas literários, dentre outros elementos. Nesse contexto, não é recomendável percorrer conexões pedagógicas sem uma cuidadosa investigação crítica prévia, considerando a complexidade do diálogo estabelecido com o texto-fonte e aspectos da recepção dos textos canônicos no Brasil.

Por essa razão, logo no início, pesquisaram-se conceitos e problemas relacionados à teoria da adaptação e sua relação com o cânone e o processo de adaptação de obras literárias canônicas. Com o intuito de desenvolver um estudo de interesse para a área educacional e para a formação de leitores literários, seria, portanto, fundamental contemplar os seguintes aspectos: a prática adaptativa no Brasil em perspectiva sócio-histórica, a apresentação do texto adaptado, sua recepção no Brasil em diferentes comunidades de leitores e dimensões linguístico-literárias, éticas e políticas da leitura literária.

Para este artigo, procuramos apresentar as principais linhas iniciais dessa ampla pesquisa, voltadas para a elaboração de reflexões que forneceram o fundamento para as fases seguintes do projeto.

2. Conceitos norteadores

Fez-se necessário discorrer inicialmente sobre a história do cânone ocidental para o embasamento do presente trabalho. A terminologia da palavra *cânone* “vem do grego *Kanón*, através do latim *canon*, e significa ‘regra’. “Com o passar do tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos, modelares” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 61). Ainda segundo a autora: “Os da primeira classe são os ‘clássicos’” (*Idem*, p. 62).

Estudos do autor Curtius corroboram com esta afirmação pelo fato de os *cânones* serem criteriosamente selecionados sob as exigências postas por filósofos Alexandrinos na escola de gramática, que assim atendiam aos requisitos gramaticais. Ou seja, desde sua formação, os “cânones” só atendiam a uma casta mais abastada da sociedade. Esta titularidade de nobreza era também um dos critérios para o epíteto *clássico* na época,

conforme Perrone-Moisés (*Id.*, *ibid.*).

A formação do cânone moderno iniciou-se no período renascentista italiano. As escolhas para a definição de cânone eram realizadas por escritores-críticos modernistas no século XX, cuja seleção era baseada em gosto estético, em suas práticas pessoais, sendo destacável a preocupação pedagógica de fornecer aos mais jovens um currículo mínimo de leituras formadoras, assim como as demais listagens da antiguidade (*Idem*, p. 63).

A origem desses conceitos nos trouxe reflexões mais próximas aos dias de hoje. O escritor italiano Italo Calvino, por exemplo, dizia que: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós, trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessam (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (CALVINO, 1993, p. 11).

Em linha semelhante, Perrone-Moisés diria que “clássicos” são uma espécie de modelo supremo, “arquétipo de gosto”, ideal máximo que “não pode ser representado por conceito, mas somente numa apresentação singular” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 63). E, sobretudo, ofereceriam um “legado riquíssimo” (MACHADO, 2002). Esses aspectos, no entanto, desde o início do Romantismo, foram refutados, já que aquilo que antes pertencia a todo o Ocidente passaria a ser fatiado em literaturas nacionais (ALEXANDER, 2012). Esse olhar afastado dos cânones não se limita apenas às fronteiras territoriais, mas também sociais, pois o conceito de cânone produz restrição de acesso do povo a literatura canônica e/ou clássica (*Id.*, *ibid.*). Entretanto, Alexander reitera a definição de cânone para a capacidade de influenciar. À vista disso, assumimos a compreensão de que a obra clássica ou canônica é aquela que influenciou em algum período ou lugar.

Alinhada a isso, pensando no universo da leitura literária em ambientes de escolarização, discute-se muito sobre o distanciamento, nos dias de hoje, entre as práticas informais de leitura feita pelos alunos (letramento vernacular) e as leituras propostas pela escola (letramento dominante), para falar com Brian Street. Haveria, nesse sentido, uma hierarquização literária que despreza a multiplicidade de ambientes, indivíduos e letramentos (ZAPPONE; YAMAKAWA, 2013). O resultado obtido é a má aderência dos estudantes às práticas de leitura propostas pela escola. Daí se vê a necessidade de adaptar os clássicos e criar pontes com o contexto dos alunos e também com a literatura vernacular: “Já que são

impostos alguns clássicos que não condizem com a sua geração (A dos jovens), por que não os adaptar? ” (GALVÃO; NAZARO, 2017, p. 38). Em consonância com isso, Machado afirma que o primeiro contato de uma criança ou adolescente com uma obra clássica deveria ser com uma adaptação bem-feita e atraente (MACHADO, 2002 *apud* FEIJÓ, 2012).

Especificamente no universo da leitura como processo social, o as práticas de letramento literário abrangem um momento de apropriação da literatura por meio de construção literária de sentidos, segundo Paulino e Cosson (Cf. PAULINO; COSSON, 2009). E isso se faz fundamentalmente por meio de contextualização do texto, ou seja, é preciso compreender: “[...] quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz” (SOUZA; COSSON, 2011, p. 103).

Considerando nossos tempos atuais, encontramos os multiletramentos como consequências, pois pedem novos letramentos, novas formas de representações da realidade que está imersa num contexto globalizado e repleto de diferentes formas de mídia e linguagens (ROJO; MOURA, 2012).

A respeito de uma adaptação ideal, Araújo (2017) enfatiza que é preciso fazer uso de técnicas específicas para simplificar a linguagem, os acontecimentos e proporcionar um diálogo entre o leitor e a história, ou seja, o processo não se limita a reduzir a obra original. Em linha semelhante, Feijó (2010, p. 342) comenta: “As adaptações de clássicos da literatura para o público escolar são textos novos construídos sobre enredos antigos; são apropriações.”. Inclusive, na origem das adaptações de obras literárias, não havia uma distinção entre adaptações para adultos e para o público infantojuvenil, como afirma Araújo (2017) em suas reflexões sobre os contextos brasileiro, português e espanhol.

Percebe-se que a teoria de adaptação abarca a ideia de que precisamos atualizar nossos discursos para o cânone ser trabalhado em sala de aula, visto que sua linguagem, por vezes excludente, do ponto de vista de um aluno em formação, não é atrativa ao público juvenil.

A adaptação dá-se por vários meios, sejam eles por intermédio da escrita, peça teatral, novela, filme etc. Em contrapartida, uma adaptação não significa dizer que é uma paródia ou até mesmo um plágio e, sim, um ato de “recriar exatamente o que se leu, viu ou ouviu, a partir de uma história original e preservando os dados básicos dessa história, reescrever o texto” (VERSSANI; YÚNES; CARVALHO, 2012, p. 95). Mais ainda: “A adaptação literária redireciona a obra para outro público partindo do

pressuposto de que esse novo público não tem o papel daquele previsto pelo autor da obra original” (PAIVA, 2014 *apud* GALVÃO; NAZARO, 2017). Segundo Feijó (2012), toda adaptação contribui para a renovação da tradição literária. Por meio delas, inicia-se o público aos clássicos. Com esse auxílio, o prazer da leitura é despertado, o que vai ao encontro das palavras de Italo Calvino (2011).

A adaptação literária também pode ser entendida como um “texto derivado”, resultante de um “texto primário”, original, no qual a releitura se baseia. Por meio de uma transformação do texto-base, o texto derivado se constitui, como “uma resignificação do original, reproduzido através do tempo pela sua permanência como discurso” (FOUCAULT, 2009 *apud* NERES; LACERDA, 2018). Os conceitos de “texto primário” e “texto secundário”, aliás, vêm de Foucault, que considerava que toda sociedade precisava atualizar seus discursos, se ajustar, se corrigir e, dessa forma, a função da adaptação na sociedade é afirmada (GALVÃO; NAZARO, 2017).

2.1. Sobre os escritores abordados

Nesta pesquisa, optamos por pensar estratégias de leitura literária, baseadas em autores considerados canônicos da literatura inglesa, cujas obras seriam de grande relevância para um trabalho de letramento literário em disciplinas de línguas em escolas brasileiras, considerando-se a realidade da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Um dos autores a ser tratado neste trabalho é o escritor de “Gulliver’s Travels”, Jonathan Swift. Nascido em Dublin no ano de 1667, foi lá também que veio a falecer no ano de 1745. Nasceu órfão de pai, antes de a mãe dá-lo à luz (VIANA; MACHADO, 2010). A mãe o deixou aos cuidados dos tios influentes e abastados, voltando para a Inglaterra. Swift, depois de se formar na universidade no centro de Dublin, mudou-se para a Inglaterra em busca do preterido reconhecido. Lá, foi secretário de Sir William Temple.

Swift foi um autor amplamente conhecido entre os ingleses e irlandeses. Segundo Iná Beck, “Swift considerava-se um escritor inglês, entretanto ele nasceu e passou a maior parte da vida na Irlanda. Ali escreveu as sátiras mais tópicas e incisivas e, ao mesmo tempo, mais universais” (BECK, 2003, p. 78). Boa parte de suas obras foram publicadas anonimamente até pelo fato de, à época, os autores não assinarem suas

obras. Sobre o assunto, é relevante afirmar que se tratava de uma estratégia constitutiva de seus escritos: “O anonimato era não somente parte do jogo literário com o qual os humoristas estavam brincando desde a restauração, como era o mais importante elemento, a estratégia básica dentro da comédia swiftiana.” (QUINTANA, 1955, p. 41 *apud* GUERRA, 2012).

Seus posicionamentos políticos foram marcantes, o que se refletiu em sua obra. Swift colaborou com os *Whigs* (um dos partidos, ditos liberais, que existiam na Inglaterra), depois de migrar dos *Tories*, que defendiam os interesses dos reis e dos interesses dos proprietários de terra (SOARES, 2001 *apud* VIANA; MACHADO, 2010, p. 125). Pelo seu jeito sático e ambicioso, tornou-se um algoz entre os membros da corte, que tentaram impedir sua ascensão política e obtendo sucesso ao interpretar fielmente um texto satírico que o Swift escreveu, sendo descartado do quadro da corte pela rainha. Assim, segundo Marcelino, ele foi um verdadeiro paladino das causas irlandesas não só para defender seu país de origem, como pela ingratidão da corte inglesa (MARCELINO, 2016). Isso refletia-se nos seus escritos. Em “Viagens de Gulliver”, por exemplo, vemos um alto teor de críticas e sátiras contra o governo inglês:

Contudo como aqueles Países que são Objeto de meus Relatos não parecem ter nenhum Desejo de ser conquistados e escravizados, assassinados ou expulsos por Colonos, nem tampouco abundam em Ouro, Prata, Açúcar ou Fumo, humildemente concluí não serem eles de modo algum Objetos apropriados de nosso Zelo, nossa Bravura e nosso Interesse. (SWIFT, 2010, p.404)

O período em que “Gulliver’s Travels” foi escrito, ano de 1726, foi marcado por guerras entre O Reino Unido (Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda) e França. A Grã-Bretanha passava por uma transição entre feudalismo e os primeiros sinais da revolução industrial. Sobre a construção da história, vale afirmar que “Gulliver’s Travels” é um texto dualista, por ser vinculado a diversão, como veículo de críticas e reflexões (PRIESTLEY; SPEAR, 1963, p. 47).

O outro autor é Jane Austen, uma escritora inglesa de renome que está entre as mais aclamadas do universo literário no mundo. Ela é considerada extremamente importante para a consolidação do gênero romance na Inglaterra, assim como Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henry Fielding, que ampliaram as perspectivas do gênero, com a exploração de diferentes modos de narrar. Esses autores, segundo Campos (2017), trabalharam a elaboração profunda da psicologia dos personagens, o aprimoramento das técnicas narrativas já existentes, a harmonização das bre-

chas do romance, dentre outros procedimentos literários muito inovadores para suas épocas. Em um momento de pouca visibilidade para as mulheres, Jane Austen conseguiu se destacar dentre as produções femininas de sua época, que circulavam entre ficção gótica e sentimental, segundo Campos (2017).

Ao longo dos anos, são conferidas às obras de Austen diferentes associações e críticas. Dentre elas, está a exaltação aos dias de glória da nação inglesa (principalmente no período da 2ª Guerra Mundial), protofeminismo, Revolução Francesa, entre outras questões políticas, culturais, sociais e literárias (BIAJOL, 2017; CAMPOS, 2017).

Independente da natureza das análises, o principal motivo mencionado para Austen estar inserida na tradição literária é a abordagem de conteúdos envolventes, persuasivos que até hoje conquistam leitores de diferentes lugares, idades e contexto social – principalmente por meio da diversa quantidade de transposições midiáticas e estudos (ROSA; VICENTIN; CAMPOS; ABREU, 2014). Outras razões percebidas para o crescimento constante de apreciadores de suas narrativas são a fluidez do enredo (sem digressões, narrativas sentimentais, descrições extensas ou abundância de diálogos); amadurecimento das personagens; bem como diálogos astutos e crítica a sociedade da época (*Id., ibid.*).

Jane Austen teve uma vida breve em que produziu oito obras – seis acabadas e duas inacabadas. Ainda assim, “*Pride and prejudice*”, publicado em 1814, foi o mais prestigiado, pois obteve o maior número de publicações dentre suas outras produções e mais vendas dentre os livros da época (1813 e 1914). As outras produções de Jane Austen são: *Sense and sensibility*, *Mansfield Park*, *Emma*, *The Northanger Abbey* e *Persuasion*, *Sanditone The Watsons*.

3. Metodologia

Nesta seção do artigo, dividiremos os passos metodológicos adotados para o estudo das adaptações mencionadas de autoria de Jonathan Swift e de Jane Austen. Pretendemos, com esse procedimento, oferecer um panorama das pesquisas desenvolvida ao longo do ano de 2018, no âmbito do projeto “Clássicos literários ingleses adaptados para jovens leitores no Brasil”.

3.1. Sobre as Viagens de Gulliver [Gulliver's Travels, 1735], de Jonathan Swift [1667–1745]

A primeira fase desta pesquisa dedicou-se a montar um repertório bibliográfico de ambos os projetos, com ênfase em embasamento teórico-metodológico. Buscaram-se referências bibliográficas, tendo algumas leituras pontuais sobre teoria da adaptação, formação dos clássicos cânones e práticas de multiletramentos para que o projeto pudesse se desenvolver.

Nesse processo, das leituras indicadas, destaca-se o texto de Mikhail Bakhtin, intitulado “Os gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1992). O primeiro caminho trilhado foi conhecer aspectos que poderiam influenciar a recepção de uma obra, como sua tradução em diferentes contextos sócio-históricos. Também se procurou pensar o que definiria uma boa tradução ou adaptação, sem que houvesse perda substancial de seu valor literário.

Destacou-se também a leitura do livro de Lev Vygotsky, intitulado *Pensamento e linguagem*, em especial os capítulos que abordam o problema do método de investigação (com enfoque da problemática entre o pensamento e a palavra) e a linguagem e o pensamento da criança na teoria de Piaget (revelando-se a originalidade qualitativa desse pensamento infantil) (VYGOTSKY, 1998). Livros específicos da área de psicologia e educação oferecem importantes subsídios para se pensarem questões da leitura literária nos espaços de escolarização. Mais ainda, no âmbito dos estudos sobre o ensino de literatura, discutimos intensamente títulos como *Literatura para Todos: Conversa com Educadores*, de Lígia Cademartori, Ira Maciel e Jane Paiva, o qual reforça a importância de se desenvolverem posturas mais democráticas sobre as práticas da literatura literária. (CADEMARTORI; MACIEL; PAIVA, 2006).

Ainda sobre o quesito de investigação, realizou-se a pesquisa por algumas diretrizes de ensino para se desenvolverem leituras críticas, em sala de aula, de clássicos adaptados, que são considerados obras renomadas no contexto da produção literária do Ocidente e quais os aspectos que a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) nos ofertava para possíveis práticas.

A segunda etapa do projeto foi a escolha da obra com base na qual estaria vinculada o projeto. Ênfase especial, nesse contexto, foi dada às “Viagens de Gulliver”, de autoria de Jonathan Swift. Foi realizada também uma leitura cuidadosa da obra “Viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift, em tradução do renomado tradutor e pesquisador Paulo Henriques

Britto (SWIFT; BRITO, 2010). Fez-se, então, um minucioso trabalho de comparação com os textos traduzidos e adaptados para oferecer subsídios para o trabalho em sala de aula com a obra escolhida. Especificamente, pensava-se se os textos atendiam às exigências para uma possível aplicabilidade em sala de aula.

Por fim, após todo um trabalho investigativo, foi analisado e cogitado um possível projeto para a sala de aula no Ensino Médio, atendendo às normas da nova Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) sobre desenvolver a autonomia dos alunos. Para o trabalho de leitura, pretende-se oferecer aos estudantes adaptações para História em Quadrinhos Farol Literário (SWIFT; ASSIS, 2013), ao lado da versão adaptada realizada por Clarice Lispector, publicada pela Editora Rocco (SWIFT, LISPECTOR, 2008). O gênero discursivo escolhido para conduzir a experiência de interpretação por parte dos alunos foi o “diário”, em conexão com os diários das navegações escritos pelo personagem Gulliver. Assim, com o aluno escrevendo sobre a leitura, na senda de Cosson e Paulino, em seu texto *Letramento Literário: O incentivo à leitura, busca-va-se colocar em pauta “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”* (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67).

3.2. Sobre “Orgulho e preconceito” [*Pride and prejudice*, 1813], de Jane Austen [1775-1817]

Foi identificado, no gênero Histórias em Quadrinhos (HQ), uma forma adequada de adaptação para o trabalho com os aspectos levantados no embasamento teórico para uma leitura ativa de uma obra clássica. A HQ possibilitaria uma combinação de mídias e de recursos imagéticos para a interpretação da narrativa em língua estrangeira.

Durante o período de seleção das adaptações para análise, considerou-se facilidade de acesso (em sentido financeiro e de publicação). Outro ponto avaliado foi o aspecto visual. Selecionou-se uma em português (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016) e outra em inglês. A versão analisada em português é uma tradução, por isso pode ser encontrada em inglês.

Após a etapa da seleção, foi realizada uma leitura da obra integral *Pride and Prejudice* (2016), observando questões da narrativa que poderiam ser abordadas em um trabalho com práticas de letramento literário em sala de aula, apoiado por referencial teórico relacionado. Tais impres-

sões foram registradas inicialmente em um diário de leitura e, depois, na própria versão digital do livro, visto que o arquivodigital adquirido assimila recurso de comentário.

A terceira etapa foi a análise das duas adaptações em comparação a obra original (AUSTEN, 2016).¹⁰⁹ A primeira ser lida foi a *graphic novel* da Editora Nemo, traduzida para português (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016)¹¹⁰ e, em seguida, foi o HQ da Marvel (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011).¹¹¹ Em ambas as adaptações, foram observados os elementos identificados como essenciais para uma boa adaptação – o que fora ocultado, o que fora reescrito, o que fora transposto midiaticamente da narrativa e se houve perda das bases do enredo.

A partir disso, observaram-se as distinções entre as duas adaptações. A *graphic novel* (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016), deixa a desejar não somente no uso de recursos próprios da linguagem HQ, como também nas técnicas de adaptação mencionadas acima. Primeiramente, destaca-se que o nível de linguagem escolhido não é padronizado, pois varia constantemente entre formal e informal; sendo assim, não facilita a compreensão textual do estudante. Segundo, há perdas de elementos essenciais do enredo, como exclusão da personagem Mary, bem como toda a possível reflexão em torno dela na narrativa, além de modificações de acontecimentos após Elizabeth ler a carta de Darcy. Por fim, há falta de abertura para diálogo entre a adaptação e o leitor.

Em contrapartida, a adaptação da Marvel (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011) já se apresenta mais indicada para mediação entre o cânone “*Pride and prejudice*” e o público infantojuvenil: exploram-se muito bem os recursos da linguagem HQ para simplificar a compreensão do leitor, como onomatopeias, palavras com função de imagem, recurso de foco, de timing, e os diversos usos de enquadramento); há abertura para o diálogo entre o leitor e a narrativa (Manchetes estilo capa de revista, adiantando o conteúdo da história com linguagem contemporânea). Ainda

¹⁰⁹ *E-book* disponível no aplicativo para aparelho móvel da Saraiva, LEV, no primeiro semestre de 2018.

¹¹⁰ Disponível para venda no site da Saraiva, em formato físico, no primeiro semestre de 2018.

¹¹¹ *E-book* encontrado no site da Amazon para leitura no aplicativo Kindle no primeiro semestre de 2018.

mais, o enredo é sintetizado sem perda em suas bases e pontes de reflexão. Além de tais aspectos, essa adaptação se destaca por sua ilustração mais atrativa e a apresentação mais pedagógica (no início da narrativa há uma contextualização do período e do lugar onde se passa a história). Por esses motivos, recomenda-se o emprego dessa adaptação da Marvel (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011) para o leitor brasileiro do século XXI inserido em espaços de escolarização.

4. Conclusão

Nesta pesquisa, viu-se a importância da compreensão de nossa atual multiplicidade de veículos de comunicação para agregar o processo de letamentos literários no cotidiano escolar. A bagagem literária do aluno será formada para além da sala de aula se construir conexões de sentido, elaborando-se novos significados entre o universo literário e cultural da língua estrangeira, a experiência de leitura da obra clássica e a mediação de sentidos com respaldo de sua própria realidade em pleno século XXI, com seus problemas e suas contradições.

Com base na leitura atenta de versões adaptadas da obra *Gulliver's Travels* (SWIFT, 2010), foi observado um alto teor de sátiras repletas de críticas causadas pelo choque de crueldade e o egoísmo humano. Por se tratar de uma literatura com fortes relações autobiográficas, planejou-se um possível trabalho em sala de aula abordando o gênero discursivo “diário”. De acordo com Bakhtin (1997), é enquanto inscrito em um gênero do discurso, vinculado a certo campo da atividade humana, que o sujeito se apropria da linguagem e se constitui. Desta forma, o aluno reescreveria suas perspectivas do livro e, tal como o livro, dialogaria com a realidade. Pensou-se, nesse sentido, um método de trabalho que envolvesse diferentes adaptações do clássico, como a versão preparada por Clarice Lispector e versões em HQ, as quais serão abordadas em detalhes no momento oportuno.

Especificamente com relação à adaptação “Pride and Prejudice”, centrou-se o trabalho na leitura crítica de duas adaptações em quadrinhos. Na adaptação “Pride and prejudice” para quadrinhos da Marvel (AUSTEN; BUTLER; PETRUS, 2011), encontraram-se os elementos de mediação mais apropriados se comparada à adaptação ao *graphic novel* (AUSTEN; EDINGTON; DEAS, 2016). Essa indicação considera a construção complexa do HQ para abordagens das habilidades de leitura e das demais habilidades esperadas para formação de um leitor crítico e autô-

nomo, um cidadão ciente de seu contexto, mas também situado como leitor crítico das demais culturas.

Espera-se, desse modo, colaborar para novos horizontes e pesquisas na área de letramento literário, em diálogo com o universo das pesquisas sobre adaptações de clássicos da literatura mundial em língua inglesa. Seria, pois, interessante aprofundar, em próxima fase, os estudos sobre o tema, integrando outros livros e outros autores, agregando perspectivas de diversas de leitura, pensando-se no contexto educacional brasileiro em pleno século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Ian. *Formação do cânone nacional e ocidental: literatura e tradição no novo mundo*. Tese (Tese de doutorado Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27944/000765827.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 jul.2018.

ARAÚJO, Nabil. Por uma pedagogia literária do “como se”. In: CECHINEL, andré; SALES, cristiano (Org.). *O que significa ensinar literatura?* Florianópolis: EDUFSC; Criciúma: EDIUNESC, 2017. p. 31-57

AUSTEN, Jane. *Pride and prejudice* [digital]. Sweden: Wisehouse Classics, 2016. (versão *e-book*)

_____; BUTLER, Nancy; PETRUS, Hugo. *Pride and prejudice* [Digital]. MARVEL. Limited Series, v. 1-5, 2011. (versão *e-book*)

AUSTEN, Jane; EDGINTON, Ian; DEAS, Robert. *Orgulho e preconceito*. Nemo, 2016, v.1.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326

BIAJOL, Maria Clara Pivato. Jane Austen ao longo do século XX: do conservadorismo político à crítica de gênero disfarçada. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS* (ANAIS ELETRÔNICOS), Florianópolis, 2017.

BECK, I. J. *Viagens de Gulliver: Uma Releitura*. Canoas: ULBRA, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 9 abr. 2018.

CAMPOS, Priscila da Silva. *Concepções de Leitura e de leitores em primeira e segunda infância: uma análise de sentidos e sentidos de leitura e de leitores em primeira infância e de leitores em primeira infância*. Dissertação em letras 2017.

CADEMARTORI, Lígia; MACIEL, Ira; PAIVA, Jane. *Literatura para todos: conversa com educadores*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FEIJÓ, M. *O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2012.

FEIJÓ, Mário. *O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores*. Rio de Janeiro: Ática, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

GALVÃO, Ana Carolina; NAZARO, Ana Carolina de Souza. A adaptação de obras clássicas para Quadrinhos e o incentivo à leitura de cânones literários. In: *Revista Linguagem, Ensino e Educação*, Criciúma, V. 2, n. 1, jul. – dez. 2017.

GUERRA, Leonardo José César de Mattos. *Viagens de Gulliver: recepção (história) e interpretação (Crítica)*. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado). São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, M. N. M. (Org.). *Discurso da equidade e da desigualdade sociais: significações imaginárias, vínculo social*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

MARCELINO, Juliana Fraga. *Swift e sua sátira: Viagens de Gulliver*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2016.

MASTROBERTI, Paula. Adaptação, versão ou recriação? Mediações da leitura literária para jovens e crianças. In: *Revista Semioses*, Rio de Janeiro, 2017.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ro, V. 1, n. 8, fev. 2011. Disponível em: http://apl.unisuam.edu.br/semioses/pdf/n8/n8_textoslivres_02.pdf. Acesso em: 25 fev. 2018.

NERES, Gregory Oliveira; LACERDA, Máira Gonçalves. Adaptações literárias de clássicos: A importância da relação entre texto e imagem para a formação de leitores. In: *ANAIS DO XII JOGO DO LIVRO E II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO: Palavras em Deriva*. Belo Horizonte, 2018. ISBN 978-85-8007-126-9. (versão digital)

PAIVA, A. (Org.). *Literatura: saberes em movimento*. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2014.

PERRONE-MOISÉS, L. O cânone dos escritores-críticos In: *Altas Literaturas: Escolha e Valor na Obra Crítica de Escritores Modernos*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. Disponível em: <https://iedamagri.files.wordpress.com/2018/04/perrone-mois-es-leyla-altas-literaturas.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

PRIESTLEY, J. B.; SPEAR, J. Adventures. In: *English literature*. Chicago: Laureate, vol. 3. Ed., 1931.

RISSÁ, Kelly Cristina; GUIMARÃES, Eunice Pereira. Uma leitura da sátira como crítica social em Viagens de Gulliver. In: *Revista Interfaces*, v.1, n.1, set. 2010. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=A-wrEZ7kZi.JdOgMAhQAf7At.;_ylu=X3oDMTByOHZyb21tBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNIYwNzcg--/RV=2/RE=1575156634/RO=10/RU=https%3a%2f%2frevistas.unicentro.br%2findex.php%2frevista_interfaces%2farticle%2fdownload%2f906%2f969/RK=2/RS=ynBh3hoFQ1ZXPZzyWuxZRXe6qxI-. Acesso em: 20 nov. 2019.

QUINTANA, Ricardo. *Swift: An Introduction*. London: Oxford University Press, 1955.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

ROSA, Clarissa Resende; VICENTIN, Isabela Scarassati; CAMPOS, Isabella Maria Navarro Beneveni; ABREU, Márcia Azevedo de. A recepção e circulação dos romances de Jane Austen na Inglaterra, França e Brasil no período de 1811 a 1914. In: *Língua, Literatura e Ensino*, Unicamp, dez. V. 9, 2014. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/le/article/view/4562>. Acesso em: 23 jul.2018.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Ho-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

rizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, Renata; COSSON, Rildo. *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula*. São José do Rio Preto: Objetos educacionais do acervo digital da Unesp, 2011.

SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. Trad. de Paulo Henriques Britto. Org., intr. e notas Robert Demaria Jr. São Paulo: Companhia, 2010. [Edição Penguin Companhia]

SWIFT, Jonathan; ASSIS, Érico. *As Viagens de Gulliver*. São Paulo: Farol Literário, 2003.

_____. *Viagens de Gulliver*. Adaptação por Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VERSANI, D. B.; YUNES, E.; CARVALHO, G. *Manual de reflexões sob boas práticas de leitura*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yagashi; YAMAKAWA, Ibrahim Alison. Letramento Dominante x letramento vernacular e suas implicações para o ensino de literatura. *Revista Muitas Vozes, Ponta Grossa*, V. 2, n. 2, p. 185-98, 2013.